



## AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA MITOLOGIA NÓRDICA

Francielly da Silva Delvalle\*

Este é um trabalho de análise da importância social das mulheres, onde buscaremos identificar como os modelos marciais femininos eram representados na mitologia germânica. O interesse em elaborar a presente pesquisa se deu a partir do crescente interesse cinematográfico, especificamente tratando da Antiguidade da cultura germânica, escandinava e viking, ao reproduzir nos cinemas temas épicos da mesma, que tem a cada dia despertado o interesse geral da população para este tema. No que concerne à historiografia brasileira sobre Antiguidade Clássica e Medieval, somos mais consumidores que produtores, aguçando ainda mais nosso interesse no referido projeto.

Dentro da mitologia nórdica, escolhemos analisar especificamente as deusas e seu papel social dentro da mitologia, pretendendo com isso compreender a própria função social da mulher na sociedade viking, pois consideramos importante entender as relações de gênero, e poder, no qual os modelos marciais femininos estavam inseridos dentro do contexto social da época, estabelecendo pontos de convergência e de divergência sobre a vida e costumes das tribos germânicas na Antiguidade e na Idade Média e a nossa atual sociedade patriarcal.

Uma das hipóteses deste trabalho é que a maneira como a deusa viking era representada dentro da mitologia germânica antes do sincretismo religioso cristão mudou radicalmente após esse processo devido ao conflito entre os modelos marciais femininos das deusas e da Virgem Maria, visto que, as duas imagens representavam um modelo feminino a ser seguido pelas mulheres da sociedade. Sendo assim, teremos a imagem da deusa associada a valores guerreiros de auto-suficiência, feminilidade, e feitiçaria, e de outro lado a imagem da virgem, como representante do modelo de pureza, submissão e devotamento à família.

Acreditamos também que o lugar ocupado pelas deusas vikings representava, de maneira geral, o próprio lugar da mulher na sociedade viking, destacando aqui, aspectos



---

\*Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

da interferência religiosa das deusas no cotidiano referentes à vida doméstica, as entidades sobrenaturais eram as guardiãs do lar, figuras poderosas que atestam uma independência de culto na Escandinávia até o século VII d.C.

Como a principal proposta deste trabalho é entender a inserção da mulher na sociedade viking partindo da análise do lugar ocupado pelas deusas dentro do panteão mitológico nórdico, utilizaremos como principal fonte a escritura da Edda em Prosa, que se caracteriza como uma das principais fontes literárias escandinavas, provavelmente escrita em 1222 ou 1223, e que tem sua autoria considerada como certa e indiscutível atribuída a Snorri Sturluson, estabelecendo-se então, a idéia de “texto original” – aquele escrito pelo próprio autor, sem a intervenção de copistas. Como a maioria das obras medievais, a Edda em Prosa circulou anonimamente na Idade Média através de outros manuscritos, sendo assim, todas as edições modernas da Edda em Prosa, baseiam-se na idéia de “texto original” e nenhuma delas reflete o testemunho dos manuscritos medievais. A Edda em prosa é composta por um prólogo e mais três capítulos, que são Gylfaginning, Skáldskaparmál e Háttatal.

Outra fonte primordial na realização deste trabalho é a Saga dos Voslungos, de autor anônimo, consiste em um documento singular tanto em termos estéticos quanto em importância histórica e social, pois permitem um melhor estudo da sociedade viking, fornecendo valiosas informações do período em que foi escrito, do século XIII ao XV. Consiste em uma das sagas islandesas mais famosas, mas dentro do subgrupo de sagas lendárias, é considerada a mais importante. Seu conteúdo foi baseado na antiga tradição nibelungiana, que remonta ao período das migrações germânicas, e contém alguns dos personagens históricos da chamada Antiguidade Tardia – como Jormunrek, rei dos Godos, e Átila, rei dos Hunos.

Constituem essas, a Edda em prosa e a Saga dos Voslungos, nossas principais fontes, juntamente com bibliografia pertinente.



Como fontes secundárias e teóricos de escandinavística, trabalharemos as obras *'Deuses e Mitos do Norte da Europa'*, da Pro<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hilda Davidson. É uma importante referência, entre as poucas disponíveis no Brasil, acerca dos mitos pagãos na Europa do período anterior ao cristianismo, e transita entre os campos da história, psicologia, arqueologia e mitologia.

*'Escandinavia'*, também de autoria de Hilda Davidson. Estudo mais recente e atualizado que o anterior, mas contendo um texto mais sintético e generalizador.

*'Mitos Nórdicos'*, de Raymond Ian Page. Obra do famoso escandinavista britânico, que constitui-se enquanto leitura básica e introdutória ao estudo acadêmico da mitologia escandinava, ilustrado somente com fontes iconográficas medievais.

*'Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking'*, do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Johnni Langer. Coletânea de estudos sobre mitos nórdicos, publicados originalmente entre 2000 e 2005. Além de sete ensaios, o livro contém dois textos anexos e treze resenhas de livros especializados, destacando a complexibilidade dos Vikings, inicialmente pelas fontes de estudo (literárias e iconográficas) e que podem trazer um novo leque de possibilidades para os futuros estudantes dos Vikings.

*'Do Mito ao Romance'*, de Georges Dumézil. Clássico do famoso mitólogo francês realizando uma análise da saga de Hadingus, além de anexos contemplando outras perspectivas nos estudos nórdicos.

*'Guerreiras na Era Viking? Uma análise do Quadrinho "Irmãos de escudo" (Série Northlanders)'*, do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Johnni Langer. O artigo analisa uma história em quadrinho retratando a mulher guerreira da Era Viking, realizando uma sistematização historiográfica sobre o papel da mulher neste período e um debate sobre as origens artísticas e ideológicas na formação deste imaginário.



‘*A Representação da Mulher Viking na Voslunga Saga*’, de Marlon Ângelo Maltauro. Analisa a perspectiva da relação de gênero e poder na sociedade Viking verificando o comportamento das personagens femininas na trajetória mítica do herói Sigurdr.

‘*O Culto às Deusas na Escandinávia Viking*’, do Profº Drº Johnni Langer. Analisa as características que tornaram as deusas tão importantes em várias culturas, nos levando a compreender melhor o papel das mulheres e do feminino nas sociedades ao longo da História, tratando especificamente do culto da grande divindade feminina na Europa do Norte.

‘*Valquírias versus Gigantas: modelos marciais femininos na mitologia escandinava*’, do Profº Drº Johnni Langer. Compara as representações entre as valquírias e as gigantas guerreiras nas fontes mitológicas da Escandinávia Medieval, utilizando especialmente poemas éddicos, poemas escáldicos, poemas éddico-escáldicos e sagas lendárias, procurando através do referencial culturalista, perceber as diversas motivações sociais e históricas na formação destes modelos míticos marciais.

Em termos de metodologia, não especificamos ainda qual o melhor meio para se trabalhar as referidas fontes, no entanto, a perspectiva da História Cultural, com seu conceito de Representação, é que mais parece nos contemplar. Todavia, grande parte dos trabalhos brasileiros que fazem uso desse conceito, não apresenta uma crítica sobre o mesmo. A maioria das vezes que o termo aparece nos textos escritos no Brasil ele se encontra vinculado às obras de Carlo Ginzburg e Roger Chartier, nos dando a impressão de que esses autores são os maiores e melhores teóricos desta problemática, quando na verdade, estão inseridos em uma ampla tradição de reflexão para a qual é importante a ideia da representação. Para este trabalho, ainda não possuímos os subsídios necessários para uma reflexão historiográfica acerca do conceito de representação, sendo assim, não podemos ainda inseri-lo dentro da nossa (inicial) discussão, e muito menos dialogar efetivamente com nossas fontes.

### **A grande deusa nórdica**

A questão das deidades femininas sempre despertou atenção dos especialistas em história das religiões. Durante o século XIX, alguns mitólogos procuraram demonstrar uma suposta



antiguidade de um culto de caráter feminino, que teria originado os grandes cultos da humanidade ou as grandes formas religiosas e até sociais em um passado distante.

Para grande parte dos mitólogos da primeira metade do Oitocentos, teria existido originalmente um ser supremo, sendo a humanidade monoteísta em sua origem. Com o desenvolvimento da civilização, houve um declínio moral, sobre o qual surgiu um culto à grande deusa mãe, a chamada pequena cultura do direito materno. O verbete “A deusa-mãe” foi elaborado num referencial esotérico: uma antiga divindade que encarnaria os atributos benéficos e maléficos do homem, características que desapareceram devido ao caráter racionalista e machista do mundo civilizado. Originado na região da Ásia Menor, seu culto teria sido difundido para o Mediterrâneo e toda a Europa, chegando até a Índia, mas sobrevivendo após o cristianismo devido a metamorfoses simbólicas. Psicologicamente o culto da deusa-mãe representaria uma necessidade humana de proteção e segurança, e nos tempos modernos seus símbolos poderiam sobreviver através da veneração da terra e da natureza. Essa idéia de compaixão original da deusa (Mãe-Terra), sobrevivendo através de seu santuário (corpo) também pode ser percebida nas idéias do mitólogo norte-americano Joseph Campbell, pelo qual a idéia da preservação da natureza seria a conservação do princípio espiritual originário da Grande Deusa (Campbell, 1990). Para o historiador Carlo Ginzburg, as teorias da Grande Deusa ou Deusa Mãe são abstrações que unificam de modo arbitrário cultos de natureza diferenciada ou então são teorias generalizantes inspiradas em uma psicologia etnocêntrica (Ginzburg, 2001). Temos então a feminização da figura paterna do ser supremo, entendido como uma degradação moral da humanidade. (DETIENNE, 1992).

### **Funções das deusas**

Para Regis Boyer<sup>1</sup>, as três grandes entidades femininas adoradas pelos Vikings Freyja, Frigg e Skaði foram manifestações diferenciadas de uma mesma deusa, que originalmente compunha o panteão da Escandinávia pré-histórica. Freyja teria recebido os valores mais sexuais e mágicos da divindade primordial, enquanto Frigg herdou os aspectos mais familiares, sendo o símbolo da esposa por excelência, mas também sendo a senhora do destino. Skaði



representava os aspectos de sazonalidade da natureza, o renascimento e renovação das estações do ano.

Assim como Boyer, Hilda Davidson<sup>2</sup> procura relacionar as manifestações das entidades femininas com valores sociais, especialmente nos aspectos cotidianos, utilizando o tradicional modelo comparativo com outras mitologias e tradições religiosas, destacando os indo-europeus, criando um quadro bem complexo dos papéis das deusas na vida dos antigos escandinavos.

Não se restringindo apenas as fontes nórdicas, Davidson debruçou-se sobre uma ampla variedade de tradições folclóricas e sagradas, especialmente dos eslavos e do mundo clássico. Passando pelo Kalevala, Beowulf (ambas são fontes da Antiguidade Tardia) até chegar ao folclore oitocentista (como o caso dos irmãos Grimm), a autora examina a imagem das deusas como protetoras de florestas, do gado e dos animais, propiciadora da caça.

Típicas do paganismo nórdico, com uma religiosidade não centralizada, ahistórica, sem hierarquias, castas sacerdotais ou livros sagrados, conflitos podiam tanto ser de ordem social quando de gênero, reflexos de variações de cultos. Por sua vez, enquanto deusas da fertilidade, Freyja e Frigg tanto podiam ser invocadas para partos como para uma colheita melhor.

Refletindo diretamente as funções e particularidades da mulher dentro da sociedade nórdica, as deusas também atuavam como protetoras da tecelagem. Davidson analisa o famoso tapete de Oseberg, encontrado em um sítio funerário da Noruega (dentro de uma embarcação), e considerado uma dos mais importantes vestígios sobre a vida na época dos Vikings. Segundo a autora, a cena estampada no tapete representa o enterro de uma grande rainha que teria sido sacerdotisa da deusa Freyja ou Frigg, por causa da imensa quantidade de símbolos de fertilidade encontrados no funeral. O navio representa a passagem para a vida em outro mundo para os nórdicos, e também era o símbolo dos deuses Vanes, enquanto que a tecelagem simbolizaria o destino individual. Juntos, navio e tecelagem são um poderoso



tributo para as entidades femininas que determinavam o destino das classes mais influentes da sociedade.

Na sociedade escandinava, a mulher tinha que cuidar das crianças pequenas, preparar e cozinhar o alimento, limpar a casa e lavar a roupa. Era a mulher que cuidava dos feridos, doentes e idosos. Quando o homem estava ausente, ela ficava encarregada da autoridade doméstica e seu símbolo era um molho de chaves preso ao cinto. Geralmente eram os pais que escolhiam o marido para as filhas, mas elas não eram obrigadas a casar. Nem a idade ou a falta de virgindade eram empecilhos para o casamento. As mulheres podiam pedir divórcio (entre os motivos, por exemplo, a impotência), ter propriedades e bens legais. As viúvas podiam se tornar poderosas com a herança do marido. Não existem evidências da participação feminina em batalhas como guerreiras (a exemplo do que ocorria com os Celtas), mas as mulheres nórdicas eram integrantes de expedições colonizadoras e podiam participar na defesa armada em casos de ataques. (JESCH, Judith)

Outros aspectos da interferência religiosa das deusas no cotidiano são os referentes à vida doméstica. Passando pelo trabalho de parto, o uso medicinal de ervas até o preparativo de funerais, as entidades sobrenaturais eram as guardiãs do lar, figuras poderosas que atestam uma independência de culto na Escandinávia até o século VII d.C., somente relegadas a um segundo plano com a eminente chegada do culto a Óðinn e os Ases durante a Era Viking (séc. VIII a XI d.C.).

Outra situação em que as deusas refletem diretamente padrões sociais, é referente ao choro e ao luto, muito comum nas fontes mitológicas, associadas diretamente a lamentação feminina em funerais – um comportamento previsível em sociedades guerreiras, onde esta situação era considerada um sinal de fraqueza para os homens.

O mundo nórdico não conheceu templos poderosos ou cultos públicos importantes para deidades femininas. Os rituais e a adoração às deusas foram estendidos apenas para os limites da família e da casa, aparecendo vários aspectos destas entidades no trabalho feminino. As deusas nórdicas se concentravam em facetas particulares da vida e da atividade doméstica,



associadas a uma área limitada da fazenda e do rebanho. Em geral, elas eram vistas como poderes sustentadores da vida, do mundo natural e das comunidades, encorajando a sexualidade e o casamento, mantendo uma continuidade entre os ancestrais e a família. As representações das deusas como figuras totalmente benignas e defensoras das mulheres não tem suporte nas fontes, pois elas também foram interpretadas com aspectos terríveis: figuras destrutivas, cruéis, implacáveis, associadas com o crescimento e cura, mas também com as forças indomadas da natureza e com aspectos selvagens do comportamento humano.

## CONCLUSÃO

Nosso estudo procura entender a participação das mulheres na sociedade nórdica, através das representações das deusas na mitologia, e da análise de suas influências na vida cotidiana das mulheres vikings. Estas representações sobre o feminino e o ideal de mulher foram afetadas pelos referenciais puramente masculinos ou são produtos de questões sociais mais amplas? Certamente um dos terrenos mais promissores para futuras investigações é o papel das mulheres na elaboração das narrativas míticas e nos ritos. Até que ponto as mulheres reproduziram referenciais sobre o feminino nos mitos nórdicos? Foram apenas coadjuvantes de normatizações sociais ou apenas perpetuaram os valores sexuais das narrativas? Assim, concluímos este artigo com muito mais questões do que respostas.





## NOTAS

<sup>1</sup> Régis Boyer é um dos maiores especialistas do mundo em história e cultura escandinava. É professor da Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV) e diretor do Institut d'Études Scandinaves.

<sup>2</sup> Hilda Roderick Ellis Davidson - professora do Royal Holloway College e Birkbeck College, ambos em Londres, e vice-presidente do London Folklore Society. Publicou diversas obras sobre mitologia e religião da Escandinávia Viking, entre as quais: *Gods and myths of Northern Europe* (1964), *The lost beliefs of Northern Europe* (1991).



## **BIBLIOGRAFIA**

BENNETT, Naomi. Maiden warrior. Peace unwoven: transgressive women in Old Norse Icelandic heroic and mythological literature, and in Saxo Grammaticus Gesta Danorum. Thesis for the degree of Master of Arts, Victoria University of Wellington, 2009.

BERGEN, Kristina. Cold counsels and hot tempers: the development of the Germanic amazon in Old Norse literature. Thesis for the degree of Masters of Arts. Saskatoon: University of Saskatchewan, 2006.

BOYER, Régis. La grande déesse du Nord. Paris: Berg International, 1995.

\_\_\_\_\_. Héros et dieux du nord: guide iconographique. Paris: Flammarion, 1997.

BOYER, Régis. Mulheres viris. In: BRUNEL, Pierre (org). Dicionário de mitos literários. RJ: José Olympio, 1997b.

CAMPBELL, Joseph. .). Todos os nomes da deusa. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997.

DAVIDSON, Hilda. Roles of the Northern Goddess. London/New York: Routledge, 1998.

DAVIDSON, Hilda Ellis. Myths and symbols in pagan Europe: early Scandinavian and celtic religions. Syracuse: Syracuse University Press, 1988.

DETIENNE, Marcel. A invenção da mitologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

GINZBURG, Carlo. Acompanhando a deusa. História noturna: decifrando o sabá. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

JESCH, Judith. Women in the Viking Age. London: The Boydell Press, 2003.

LANGER, Johnni. Óðinn: as valkyrjor na mitologia Viking. Brathair4 (1), 2004. www.brathair.com



# Democracias e Ditaduras no Mundo Contemporâneo

XII Encontro da Associação Nacional de História, Seção Mato Grosso do Sul  
13 a 16 de outubro de 2014 - UFMS/CPAQ - Aquidauana-MS

LANGER, Johnni. Guerreiras na Era Viking? Roda da Fortuna: revista eletrônica de Antiguidade e Medievo 1, 2012. Disponível em: <<http://ufma.academia.edu/JohnniLanger/Papers>> Acesso em 25/09/2014.